

P O E S I A D E S C A L Ç A

A vida é tão bela que chega a dar medo. MÁRIO QUINTANA

Nº 91 Ano 06 Recife, fev/março de 2005 – Distribuição gratuita

NIRVANGA

As folhas que caem,
Todos os dias,
Sobre o chão do meu terraço,
Arrastadas pelo vento,
Enfeitam deliciosamente a Vida
Com o gosto natural
Das coisas simples.

Confetes de Deus comemorando
O mudar contínuo das estações,
O ressuscitar dos vivos,
A paz encantada do mar em murmúrio,
O canto dos galos e pássaros
E o sinuoso andar do vento
Através das folhas.

As folhas caem
Como pequenos Ícaros
Neste começo de manhã.
Os pássaros mais velhos
Acordam os mais novos
Com antigas canções,
Enquanto os pequenos
Ensaíam ritmos dissonantes.

Duas rãs pequeninas
Continuam agarradas como Ninfas,
Desde que a noite começou,
E me ensinam novas lições de Amor.
Carregam sobre si mesmas
A volúpia incessante
E a proteção de Vênus.
Sou apenas um Fauno gigantesco
Em extremada solidão.

Plantas flosculosas
Começam, em seguida,
A nos devolver
Do mais puro oxigênio
Ao mais refinado perfume.
Alguma Diana, cansada das caças,
Deve ter dormido solitária, também,
Desejosa de ser,
Sequiosa de ser,
Amorosa em ser caçada.

Passeio o olhar
Pelos muros das mansões olímpicas,
Porém, não preciso roubar o fogo do céu
Para ser feliz,
Para compreender as coisas.
As coisas sagradas vêm, naturalmente,
Aos gentios, certas horas,
Numa doce epifania.
Subo tão-somente o olhar
Para o céu azul. (Continua)

AVISO AOS NAVEGANTES

Uma vez, **Millôr Fernandes** escreveu mais ou menos assim: Tem gente que chegou à **contracultura** sem ter passado pela **cultura**.

AVISOS

Abdiquei da correção gramatical absoluta, assim como abdiquei do estilo perfeito. A vida é mais importante que a arte. Não sou aristocracia jônica, sou mundaça nordestina. Aliás, é preciso que haja uma margem de liberdade extragramatical, uma dosagem de erros inevitável, e que o leitor perdoe essa dosagem porque ela facilita a dissolução das censuras e repressões internas no escritor, além de facilitar a catalisação da criatividade através de um certo “relaxamento” no criador artístico. Vejam o acento diferencial, por exemplo: eu faço questão de mantê-lo; acredito que ele facilita a rapidez da compreensão no leitor, principalmente o leitor médio.
(Fragmento do livro **Mais Vômitos e Resenhas ao Redor do Umbigo**)
Poeta **LARA**

Continuação de NIRVANGA

Contudo, serei sempre
Um “Prometeu Acorrentado”
Às coisas materiais.
Estou com a ereção matinal
De um Hércules
E o espírito para a ventura
De um Ulisses.
Mas, de repente,
O cruel despertador dispara
E acaba me tirando do êxtase...
...É a partir daí que eu começo a
Perceber
O barulho dos automóveis,
O chacoalhar de meros mortais
Dentro dos ônibus que passam pela
Avenida,
O grito do jornalista,
Os clientes da padaria, em alvoroço,
Pelo pãozinho mais quente,
O sino do homem do mungunzá.

E o Nirvanga,
Do qual eu havia despertado,
Me devolve à realidade do trabalho,
E eu sinto a dor e a esperança de ser,
Tão-somente,
Simplesmente, um **Sísifo**.

JOCA DE OLIVEIRA

(Praia do Janga, 20 de agosto de 1992.)

uma estrofe de **EPÍGRAFE**:
“**Sou bem nascido. Menino, fui, como os demais, feliz. Depois veio o mau destino. E fez de mim o que quis.**”
MANUEL BANDEIRA

Recife,
ainda o mais pobre daqui
tem a rua em que foi menino,
de calçada estreita
que no domingo parecia crescer.
Ainda o mais pobre daqui
tem os seus sapatos de sol
e ruas e avenidas e pontes
para andar.
Ainda o mais pobre daqui
tem muito de querer navegar.

GERALDINO BRASIL

LOUVAÇÃO A SANTO ANTONIO CONSELHEIRO DE CANUDOS (fragmento)

Peregrino do sertão,
Asas da nossa potência.
Benditas sejam as preces
Que não ultrapassem as nuvens.
Porta-voz de Deus ao povo,
O beato da justiça
Não vislumbrou paz no céu,
Nem riqueza, nem futuro.
Aceitou claro e escuro
Armado com fé e bala.
Cortou o Vasa-Barris
E trouxe a luz aos irmãos.
Plantou ontem a semente,
Fez brotar a esperança,
Do homem como criança
Que quando não pensa, sente.
E o verbo fez-se carne
E o sertanejo comeu,
Com o pão multiplicado,
Ultrapassando a partilha.
O Cristo ali era vivo,
Não era só patuá.
Traduzido em atitudes,
Muito mais do que palavras,
O Cristo ali tinha voz,
Também as mãos calejadas.
Comungava a ceia larga
Sem pensar em despedida,
Com a alegria dividida
No sorriso dos moleques,
No brilho do olhar novo
Do mais velho ancião.

IVAN MARINHO



PIRACEMA

Jogo meus olhos
nas longas paisagens
acesos de amor,
e sono, e estiagem.
Ah, minha terra!
Tão fértil e calada,
tão roxa de sêmen,
tão fêmea amojada!

Subo meus olhos:
vou fazer desovas,
plantar minhas covas,
abrir os meus grãos!
Subo este rio
chamado Alegria
e fundo um meu dia
de revolução.

Teu céu mais bonito
de gaze e botes,
paixão de coites,
guarás e cabritos;
o céu desta boca
de doidos poetas,
e embriagares,
e cães, e luares!

Subo este morro:
sou peixe de rio.
Molhar teu fastio,
sementes serenas;
desço nutrido
da fertilidade
da minha cidade:
piracema!
Piracema!!!

Quebro as amarras
dos teus preconceitos
e sugo em teus peitos
a fecundação;
muda beleza
chamada Barbalha!
Ninguém te agasalha,
como eu te agasalho,
no meu coração!

Recife, 13/01/87
WILSON VIEIRA

A praça

A praça limpa
irresponsavelmente vazia
põe à mesa rumores
e desejos de seus visitantes
habituais.
Sem anestesia.
Nesses domingos
assépticos
até seus pássaros
revelam-se.
Manoel Constantino

<p>PINTO</p> 	<p>LIVRE PENSAR</p> <p>Incubar nas veias Pensamentos livres E criar estrelas Na noite da vida</p> <p>Caminhar na corda Em vertebrais colunas E cair na rede Tarde enternecida</p> <p>Navegar em mares De horizontes vagos E provar das manhãs Por sob os seus céus</p> <p>Inventar desejos Pras almas vadias Ajustar aos outros Os sonhos tão meus</p> <p>EUNÁPIO MÁRIO</p>	<p>HIENA</p> <p>Veja que sorte: come merda, fode uma vez no cio, outra na morte. E ainda zomba de si mesma. A vida da hiena dói mais quando ela ri.</p> <p>NEI LEANDRO DE CASTRO</p> <p>..... amamos todas as cidades mas só tu és cantada, como cantamos as mulheres amando a mulher amada. JUHAREIZ CORREYA</p>	<p>O BLOCO DAS MIMOSAS BORBOLETAS</p> <p>O Bloco das Mimosas Borboletas Saía todo ano com as suas meninas Dançando em cima de um carrossel alugado E todo decorado com serpentinhas. Era um lindo bloco de solteiras.</p> <p>Voavam baixo as mimosas borboletas Seguidas bem de perto por suas famílias Que atentas agitavam suas ventarolas Espantando o calor, protegendo as filhas Das malandragens e galanterias.</p> <p>E num sábado de carnaval duas mimosas irmãs Que borboleteavam discretas e prosas pros fãs Desapareceram sem menos, sem mais, Deixando o grupo pra trás, Sumindo no carnaval da vida.</p> <p>De uma delas até hoje não se sabe E a outra apareceu depois na quarta-feira Pra apanhar suas roupas, se dizer sentida, E de fato estava um pouco abatida, Depois foi-se embora de automóvel.</p> <p>Música e letra de FÁTIMA GUEDES</p>
<p>Excertos do livro PINTO VELHO DO MONTEIRO, organizado por IVO MASCENA VERAS</p> <p>Sou assim mas quem me enfrenta Precisa fazer exame Morre o sangue foge do pulso Fica a alma em um vexame Seca a língua afunda os olhos E não sabe por quem chame... (PM)</p> <p>Pedro Bandeira: Eu além de ser Príncipe Lá em casa tem mais três. Pinto responde: Desse grupo de vocês Cantava o velho Bandeira Mas deu a traça no pano E o cupim deu na madeira Morreu e deixou os netos Só pra dizerem besteiras...</p> <p>Vivo nas mágoas suspenso, Sem ter prazer uma hora Quanto mais vivo mais penso Quem já fui, quem sou agora Já está bem dentro dos planos Que o peso de oitenta anos Carregou mais da metade Da minha musculatura Nunca mais sinto a quentura Do fogo da mocidade... (PM)</p> <p>João Furiba, da velhice de Pinto: Pinto deixe de cantar E bote uma mercearia Depois coloque meu nome Em toda mercaderia Que af você vai ver Como aumenta a freguesia Pinto do Monteiro responde: Em qualquer mercearia Um rato vendo teu nome Ainda mesmo ele vindo Com quinze dias de fome Vê o pão, mija no queijo Passa por cima e não come...</p> <p>Velhinha quando eu morrer Pegue a minha viola Bote ela na sacola E deixe o rato roer Barata dentro viver Morcego morando nela O cupim comendo ela Ela perdendo o valor Só não deixe cantador Bater mais no canto dela...(PM)</p>	<p>2005 começou em Recife com um calor de abrir fuselagem de avião e nos trazendo boas e más recordações. Das boas, eu destaco aqui o Festival de Rock em plena Tamarineira, que é como nós conhecemos o hospital psiquiátrico daquele bairro, com a participação de bandas da cidade (algumas ainda quase desconhecidas do grande público, mas bastante interessantes, como a The Playboys), a presença dos internos participando do evento e a contribuição do público. A entrada era franca, contudo, o cidadão poderia levar roupas e calçados para os doentes.</p> <p>Outra boa lembrança é a injeção cultural que o teatro vem dando à cidade, com a continuidade das realizações deste empreendimento fantástico que é o Janeiro de Grandes Espetáculos, já em 11ª edição, e que vem apresentando novos talentos tanto no palco, pelo bom nível dos atores, como “fora dele”, com o surgimento de diretores teatrais iniciantes, entretanto, de muita competência.</p> <p>Das más, registro principalmente uma: a bancada da Câmara Municipal do Recife foi reduzida por resolução do TSE. Achei coerente decisão. Agora, os seis ou oito lugares voltaram a ser ocupados. Independentemente de nomes ou da competência dos caras, eu pergunto: há necessidade?</p> <p>Encerro com nova redação para um antigo adágio popular: QUEM NÃO CHORA, MAMA!</p> <p>BALA U , o Profeta da Boca do Lixo</p> <p>Madeira que cupim não rói</p> <p>Madeira do Rosarinho Veio à cidade sua fama mostrar E traz com seu pessoal Seu estandarte tão original Não vem pra fazer barulho É só dizer e com satisfação Queiram ou não queiram os juízes O nosso bloco é de fato o campeão</p> <p>E se aqui estamos cantando essa canção Viemos defender a nossa tradição E dizer bem alto que a injustiça dói Nós somos madeira de lei que cupim não rói Frevo de CAPIBA</p>	<p>A amizade é menos simples. A sua aquisição é longa e difícil mas, quando se obtém, já não há meios de nos livrarmos dela, temos de enfrentá-la. Sobretudo, não acredite que os seus amigos lhe telefonarão todas as noites, como deviam, para saber se não é precisamente essa a noite em que decidiu suicidar-se ou, mais simplesmente, se não tem necessidade de companhia, se não está com vontade de sair. Oh, não, se telefonarem, pode ficar certo, será na noite em que já não está só e em que a vida é bela.</p> <p>ALBERT CAMUS, A Queda</p> <p>A punho, MAIORIDADE Sob a vista de ninguém, Sanciono e outorgo minha liberdade, Faz sombra em grande parte da cidade, O sol que não ilumina a todos, Adentra em minha janela com alvará de soltura, Eu rebelada criatura, Em paz submeto-me a Deus. CHICÃO, In Marginal Recife 2</p> <p>“Pais e mestres, pergunto a mim mesmo, ‘Que é inferno?’ E afirmo: É a incapacidade de amar.” “Oh, há os que permanecem orgulhosos e violentos mesmo no inferno, apesar do conhecimento exato e da contemplação da verdade absoluta; há alguns temíveis, que se entregam totalmente a Satã e ao seu espírito altivo. Para estes, o inferno é voluntário e eterno; são torturados por sua livre escolha, pois amaldiçoaram Deus e a vida. Vivem de seu orgulho vingativo como um homem faminto suga no deserto seu próprio sangue. Mas estão sempre insatisfeitos, recusam o perdão, amaldiçoam Deus que os chama. Não podem contemplar o Deus vivo sem ódio e clamam que o Deus da vida deveria ser aniquilado, deveria destruir a Si mesmo e a Sua própria criação. E arderão para sempre no fogo da própria ira, ansiando pela morte e destruição. Mas não conseguirão a morte...”</p> <p>Os irmãos Karamazov FYODOR DOSTOEVSKY</p>	